

## SOBRE O USO DO PRONOME E DO NOME PRÓPRIO NA CLÍNICA DE LINGUAGEM COM CRIANÇAS COM QUADRO PSICÓTICO: MARCAS DE SUBJETIVAÇÃO

Paula Teixeira DIAS

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

pteixeira\_dias@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo refere-se à pesquisa em desenvolvimento sobre o uso do pronome e do nome próprio na clínica de linguagem com crianças com quadro psicótico. Parece ser necessário considerar que a pronúncia do 'eu' por si só não pode ser tomada como indicativa de subjetivação, como presença do sujeito na linguagem, pois em jogo está também a fala do outro- havendo deslizos e hesitações. Ao mesmo tempo, faz-se necessário investigar outras possíveis marcas de subjetivação, como o nome próprio- como primeira e não mais como terceira pessoa- a partir de sua relação com outros elementos na cadeia da fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** patologia de linguagem; pronome; psicose infantil; subjetividade

*ABSTRACT: This article refers to the ongoing research on the use of the subject pronoun and the name in language clinic with psychotic children. It seems necessary to consider that the pronunciation of 'I' alone cannot be taken as clue to subjectivity, or as the presence of the subject in the language, because, at stake, is also the speech from the other subject- with the presence of lapses and hesitations. At the same time, it is necessary to investigate other possible brands of subjectivity, as the name itself- referring to the first and not the third person- from its relationship with other elements in the chain of speech.*

**KEYWORDS:** language pathology; pronoun; infantile psychosis; subjectivity

### 0. Introdução

Este artigo é originário de apresentação oral no 18º INPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada- realizado na PUC-SP

em 2011, sendo as primeiras reflexões da pesquisa de dissertação<sup>1</sup>, em desenvolvimento na época e concluída em 2012, sobre o uso do pronome e do nome próprio na clínica de linguagem com crianças com quadro psicótico.

Para a elaboração desta pesquisa parti da afirmação de que a Clínica de Linguagem deve estar teoricamente orientada para que possa estar à altura dos acontecimentos que a autorizam: *falas sintomáticas*. Entre esses acontecimentos estão aqueles, bastante intrigantes e inquietantes, de *crianças que não falam*. Deve-se considerar que a ausência de fala não significa que crianças estejam fora da esfera da linguagem - o lingüístico não se reduz à presença/ausência de oralidade. Daí haver necessidade de recolher essas crianças na clínica e de teorizar sobre estes casos. A esse respeito, Arantes (2001:130), afirma que a teoria é "espaço de questões, que articula noções e conceitos: são eles que movimentam a relação do terapeuta com o material clínico, que conformam o seu olhar" e que, deve-se acrescentar, orientam ações clínicas. Devo assinalar ter sido a partir do testemunho da clínica com 'crianças que não falam' que a questão inicial deste trabalho pode ser levantada, pois parece ser recorrente na cena clínica que, em diversos turnos de interação, o terapeuta use o nome próprio da criança ao se dirigir a ela e/ou falar por ela (no lugar de utilizar o pronome pessoal 'você/tu'). Do mesmo modo, ocorre do terapeuta referir a si mesmo pelo próprio nome (e não por meio do pronome pessoal 'eu'). Essas ocorrências são bastante comuns quando conversarmos com bebês, quando falamos com e por ele. Na clínica de linguagem com crianças maiores, principalmente com crianças que não falam, o uso do nome próprio torna-se também freqüente, mas não deixa de suscitar interrogações.

De imediato, podemos responder em parte a esta inquietação quanto à idade cronológica da criança. Partindo do Interacionismo Brasileiro em Aquisição de Linguagem, proposto por Lemos (1992, 2002 e outros) temos que a criança é *capturada* pela linguagem, tendo o outro já falante como agente do simbólico, definido como 'instância da língua constituída' (Lemos, 1992). Nesta perspectiva, assume-se a solidariedade entre a aquisição de linguagem e a constituição subjetiva - o sujeito é constituído pela linguagem e, desde sempre, pela captura que está na fala do outro, sendo falado por ela, ou seja, o sujeito não se constitui para posteriormente tomar posse da língua, pois a linguagem é preexistente ao sujeito e constituinte dele, ou seja, o sujeito só existe

---

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado no Programa de Estudo Pós- Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP) intitulada "Questões sobre os embaraços da relação criança-linguagem: a presença do nome próprio e de pronomes pessoais, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Francisca Lier- DeVitto.

na e pela linguagem, sendo capturado pelo funcionamento da língua que tem lugar no outro (falante). Jerusalinsk (1987) afirma "o sujeito humano não é mais nada do que linguagem, e fora dela não é nada." (p.15).

Assim, não é o tempo cronológico que está em jogo, mas o tempo do sujeito, que se estrutura na relação intersubjetiva, é o tempo relacional (Cerqueira, 2006). Relacionar aquisição de linguagem com tempo/idade cronológica é considerar que há um desenvolvimento, etapas delimitadas a se seguir em cada idade a partir da exposição à e da percepção da língua, o que não cabe na visão estrutural da proposta de aquisição de linguagem de Lemos.

Essa proposta, portanto, vem ao encontro dos achados clínicos mencionados acima, em que sujeito e linguagem apresentam-se, ambos, numa condição sintomática- uma vez que há imbricação entre aquisição de linguagem e constituição subjetiva. Uma criança já grande nessas condições afeta a escuta do terapeuta e sua fala, o que o leva a usar a terceira pessoa- o nome próprio- quando fala com a criança ou quando interpreta sua fala e gestos- falando por ela.

Porém, mesmo não considerando a idade cronológica da criança, o uso do nome próprio pelo terapeuta para referir-se a si mesmo e à criança traz questões: este uso alocaria a criança numa posição de 'exclusão' do diálogo ou seria uma possibilidade de entrada da criança na linguagem?

O uso da terceira pessoa (ou do nome próprio da criança) como significantes- como referentes que são dirigidos à própria criança, pelo terapeuta, ao invés de inserir a criança na rede simbólica, a deixaria 'de fora' da rede e, desse modo, comprometeria o processo de subjetivação? Já que a criança aparece, no discurso, como 'terceira pessoa' - não situada como 'você/tu' em relação a uma alteridade, que se enuncia como 'eu' no diálogo?

Esta situação, quando o terapeuta usa o nome próprio, pode apontar para uma repetição estranha, ecológica; para uma não-implicação do sujeito no discurso e, certamente, para a complexidade envolvida no processo de captura do sujeito pela linguagem. Frente a ela, o terapeuta de linguagem é aquele de quem se espera que possa promover mudanças na fala da criança que possa promover o enlaçamento da criança pela língua/discurso. Ao interpretar as produções gestuais e vocais da criança, o terapeuta banha essas produções e corpo da criança com linguagem. O outro- instância de funcionamento da língua- insere a criança na linhagem simbólica quando dá a ela seu nome próprio- o discurso paterno já enlaça o bebê pelo nome próprio antes mesmo de seu nascimento. Desse modo, a criança é lançada na rede de significantes como 'ele/ela', mas tão logo se apresenta como falante, espera-se que ela se sustente e sustente a

alternância entre 'eu/tu'. Esta é, também, a condição ainda não alcançada pela criança, mas almejada pelo terapeuta e que movimenta a clínica de linguagem.

No encontro com o material clínico também chama a atenção a falta de endereçamento e a grande confusão no uso do nome próprio e dos pronomes pessoais na fala de crianças diagnosticadas como psicóticas ou com traços psicóticos: nas quais o processo de subjetivação está comprometido. Tais crianças fazem, com frequência, uso do nome próprio para referir-se a si mesmo e ao outro, além de não realizar ou haver instabilidade na reversão pronominal 'eu/tu'. Tais pontos, como já dito, são observados também na aquisição de linguagem e estudadas por diversos autores - Lemos (2003), Chiat (1981), mas a criança com quadro psicótico fica 'presa a algo' - a uma cena que retorna, à fala do outro - e estas questões fazem presença em sua fala de modo repetitivo. Tal repetição, cristalização, leva à indagação inicial sobre sua constituição subjetiva, como se o referir-se em terceira pessoa por meio do nome próprio fosse sempre um estar fora do diálogo. Ou ainda, que o dizer ou não dizer 'eu' seja a única marca de subjetivação, de presença do sujeito na linguagem, e indicaria sempre esta posição.

Desse modo, ao invés de, na pesquisa, nos determos ao uso por parte do terapeuta, passamos a focar a presença do pronome e do nome próprio na fala da criança, pois a fala do terapeuta e seus efeitos também estarão presentes neste jogo dialógico.

Assim, a pesquisa desenvolvida, da qual trazemos algumas reflexões, teve por objetivo investigar e discutir a presença do pronome e do nome próprio na fala de crianças com traços psicóticos refletindo sobre possíveis marcas de subjetividade, de presença do sujeito na linguagem.

## 1. Perspectiva Teórica

Tais reflexões têm como fundo teórico o Estruturalismo Europeu de Saussure (1916/1974), Jakobson (1960) e Benveniste (1991)-, a releitura destes autores realizada por J-C Milner (1978/2002) e Lemos (1992-2002) e os desdobramentos desta filiação teórica no Grupo de Pesquisa Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem<sup>2</sup>.

Neste artigo a opção foi o foco na exploração dos dados de fala de uma criança atendida na clínica de linguagem. Entretanto, considero pertinente trazer alguns pontos teóricos para guiar nossa reflexão.

Saussure (1916/1974) traz a consideração da *ordem própria da língua*, um funcionamento que não se submete a nenhum outro que não aquele da própria língua. Traz, também, a noção de língua como sistema de valores puros, sendo que o valor de um termo se constitui na

---

<sup>2</sup> Sob coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Francisca Lier-De Vitto

sua relação com outros termos dentro do sistema, pois estes são "solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros" (Saussure, 1916/1974:133). Assim, podemos pensar que os pronomes, como termos da língua, se constituem na própria língua, na sua relação dentro de uma estrutura que se apresenta no ato da fala, não havendo um referente no mundo. Se o valor linguístico não está no próprio termo, na sua substância- considerando substância como matéria fônica sobre a qual a língua opera-, mas sim na relação que este termo estabelece com outros na cadeia, podemos levantar uma hipótese de análise do uso do nome próprio a partir do valor que lhe é atribuído na relação com outros termos como, por exemplo, o verbo que traz marcação da categoria de pessoa.

Temos, também, como ponto de partida para a elaboração da questão de pesquisa, a discussão realizada por Lemos (2004) sobre o longo processo na direção da estabilização do pronome na fala da criança, principalmente o 'eu/tu', pessoas do diálogo, e diversos estudos que corroboram a formulação de que não há como separar língua e falante, como Benveniste (1991), uma vez que é na fala, com a língua em movimento, que o jogo entre eu/você são significados, não havendo sentença sem ter quem a enuncie. Lemos (2004:11), coloca que o pronome é um lugar no qual é impossível estabelecer uma separação entre língua e fala, pois se diz que "deles (os pronomes) o falante se apropria para por a língua em movimento, instituindo-se como tal, como falante". Esta instituição como falante, como sujeito, será investigada nesta pesquisa, não apenas no uso do pronome, mas também do nome próprio.

Refletindo sobre a questão da estruturação subjetiva de crianças, levando em conta a afirmação de Lemos de que o uso do pronome é definido pela posição do sujeito em relação à fala do outro e à própria fala, e que a alternância 'eu/tu' se estabilizaria quando a criança toma posição frente ao outro (deslocando-se da posição em que é falada pelo outro), levantamos a questão sobre a natureza da realização da operação de *captura* quando somos interrogados por crianças que não falam e, portanto, não enunciam 'eu'; ou por crianças que falam, mas fazem referência a si mesmas pelo nome próprio e resistem ao jogo estrutural da alternância entre 'eu/tu'- como o caso discutido aqui. Se, considerarmos que é a face discursiva de estar na língua, e nela/por ela ser referido como *eu*, que responde pelo efeito imaginário de permanência do *eu* (Lemos:2004), as crianças que mencionamos mostram, no discurso, que estão na língua de modo complexo e sintomático: suas falas são manifestações vivas de uma instabilidade indesejada no uso de pronomes pessoais e do nome próprio.

Para embasar a relação língua/discurso trago, também, Benveniste (1995) que em artigo sobre os níveis de análise linguística aloca a frase

como pertencente tanto à língua quanto ao discurso, tendo dupla propriedade: "Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva" (Benveniste, 1995:139). A frase tem constituintes- as palavras- mas não integram um nível superior, pois o próximo nível é o do discurso no qual as possibilidades de combinação e de integração são infinitas. Assim, para Benveniste, o sentido da frase- sentido como capacidade de integrar uma unidade de nível superior- está no discurso. Tendo discurso como fala, não há como excluímos o falante. A frase ganha, também, dupla propriedade, pois carrega consigo o sentido- interno à estrutura lingüística- e designa algo do mundo dos objetos, algo no externo- designação a partir da cadeia lingüística, como buscaremos pensar os pronomes.

Partindo deste pressuposto, Benveniste (1991) pesquisa os pronomes como fato de língua que inclui o sujeito- a teoria da enunciação. Segundo o autor a classe dos pronomes pessoais se constitui no ato da enunciação: 'eu/tu' como pessoas da enunciação. São fatos lingüísticos, efeitos da língua e, por este motivo, os pronomes, como discutido em relação às frases, são elo entre língua e fala, o que inclui o sujeito da enunciação e torna-se importante para pensarmos sobre a posição do sujeito no uso do pronome.

### 3. Caso

Trago para discussão o caso de um menino (M.), atualmente com 6 anos e que iniciou atendimento fonoaudiológico há um ano e meio, encaminhado pela escola após diagnóstico médico de TID- Transtorno Invasivo do Desenvolvimento<sup>3</sup>.

Inicialmente, havia muitos momentos em que a fala de M. era ininteligível, como um monólogo, um balbucio, um 'fechamento em si mesmo', não passível de interpretação, e a fala do outro poucas vezes tinha efeito sobre a sua. Em outros momentos havia bastante uso do nome próprio, principalmente para referência a si mesmo.

Ao longo das sessões foi possível notar maior uso dos pronomes pessoais eu/tu, mas com grande instabilidade, com momentos de não reversão pronominal. Atualmente parece haver maior estabilização pronominal e da marcação verbal, que aponta para a primeira pessoa do discurso, além de reformulações que podem apontar para uma escuta para a fala do outro e para a sua também. Porém, como dito anteriormente, no processo de aquisição de linguagem não há um

---

<sup>3</sup> Não cabe aqui a discussão sobre diagnóstico, importa que, na perspectiva da Psicanálise, assumimos como psicótica a estrutura desta criança.

desenvolvimento com etapas subseqüentes, de modo que numa mesma sessão podemos observar diferentes posições da criança – alienação à fala do outro, suspensão dessa alienação ou até mesmo indícios de escuta para a própria fala.

Trago fragmentos de sessões<sup>4</sup> para que possamos discutir o valor, se assim podemos dizer, atribuído ao nome próprio e ao pronome na cadeia da fala, valor que pode apontar para a presença de M. enquanto sujeito nesta cadeia.

O fragmento abaixo foi retirado da primeira sessão realizada com M., durante uma brincadeira de cozinhar.

T: Huum... o que será que vai ter de comida?

M: (SI) fazendo bolo.

T: Ah! Tá fazendo bolo? Então tá bom. Vamos ver o bolo be:m gostoso que o **Mateus** vai fazer.

Olha ali. Tem uma nenê ali.

M:Que?

T: Igual **sua irmãzinha**.

M: **Sua irmãzinha** da Júlia.

(Abril/2010)

Neste fragmento podemos observar que a terapeuta faz uso do nome próprio da criança. Como dito, era a primeira sessão, M. falou pouco e quando o faz sua fala era muitas vezes ininteligível, o que parece ter produzido na terapeuta um efeito como na relação com crianças que não falam- levando-a ao uso do nome próprio para falar com ela, para significar suas ações.

A seqüência mostra uma interação entre a fala da T. e de M. Há, na realidade, um deslizamento de parte do enunciado da T. para a fala de M. – *sua irmãzinha*- parte que traz um pronome possessivo sem haver reversão. Tal fragmento parece cruzar com outros enunciados, como *'a irmãzinha do Mateus'*, de modo que M. diz: *'Sua irmãzinha da Júlia'*

A T. busca *'desembaraçar'* tal enunciado, e o faria por meio do uso do nome próprio, mas é interrompida por M. que pede para sair:

---

<sup>4</sup> A terapeuta é referida como T; A sigla (SI) designa segmentos ininteligíveis, que não foram passíveis de transcrição; o sinal (/) indica bloqueios ou hesitações e o sinal (:) prolongamentos; o negrito e/ou itálico destaca pontos a serem discutidos.

T: Irmãzinha da Júlia?  
A irmãzinha do (interrompida)  
M: (SI) aqui agora.  
T: Oi?  
M: **Me** deixa *tirar* daqui agora?  
T: *Tirar* daqui agora?  
M: **Me** deixa abrir po:rtão?  
T: Você quer deixar a porta aberta?  
M: (SI) aqui com mamãe, papai.

A fala de M. "**Me** deixa *tirar* daqui agora?" traz um pronome pessoal de primeira pessoa. Poderíamos dizer que o uso pronominal, portanto, é adequado, mas a frase traz estranhamento por parte da T., estranhamento gerado por uma produção que parece trazer outras relações, como tirar/sair, o que provavelmente aponta para uma fala vinda de outras cenas, com a criança em diferente posição na cena (eu saio/você me tira). Importa dizer que o estranhamento da T. levou a uma 'retomada' da fala de M. Observamos que, ao mesmo tempo em que está 'colado' à fala do outro e a uma cena anterior na qual esta fala esteve presente, reproduzindo um fragmento como 'sua irmãzinha', e 'me deixa tirar/sair' M. tem escuta para o estranhamento do outro, e retoma sua própria fala.

Neste outro fragmento de sessão, dois meses depois do primeiro, observamos outras produções que nos levam a algumas questões.

M: A piscina está fechada. Que/que/quê tomar.  
T: A piscina tá fechada.  
M: **Eu quero** tomar.  
T: **Quer** tomar banho de piscina?  
M: **Qué!**  
T: Mas tá fechada, porque ainda não é: não é tempo de nadar.  
M: Não. **Eu vô** comprá **minha** piscina e depois (SI) aí **vai tomá** só(l) e nadá **o Mateus vô tomá** piscina.  
T: Ah! Vai comprar uma piscina?  
M: Compra o **minha** piscina.  
T: Aí quando **você** comprar **sua** piscina **você** vai nadar, mas aqui não dá.  
(Junho/2010)

O enunciado de M. '**Eu quero** tomar' traz tanto o pronome quanto a flexão verbal em primeira pessoa. Mas logo em seguida o 'quer' da fala da T. desliza para a fala de M. que diz "quê"- não realizando, portanto, a reversão pronominal.

Na continuação do diálogo vemos a seguinte composição:



***Eu vô comprá minha piscina  
vai tomá só(l) e nadá  
o Mateus vô tomá piscina.***

Nesta produção não só a fala de M. oscila e desliza, mas sua posição em relação a esta fala também. Há oscilação entre *vô/vai*, referente à primeira (eu vou), e segunda ou terceira pessoa do discurso na flexão verbal (você/ele vai). Há oscilação entre *Eu/ o Mateus*. Porém, a entrada do 'eu' no enunciado anterior parece mudar o estatuto de *Mateus* nos posteriores. Além disso, a marcação da primeira pessoa no verbo subsequente em 'o Mateus vô' dá ao nome próprio um efeito de primeira, e não de terceira pessoa. Neste fragmento, apesar de fazer uso do nome próprio, M. aparece na cadeia da fala como sujeito falante, e não numa alienação à fala do outro.

Segundo Milner (1978), o momento em que o sujeito aparece na estrutura é quando a cadeia se desfaz, ou seja, a presença do sujeito irrompe na cadeia gerando uma desordem, uma subversão gramatical, mas gera um efeito, traz uma marca de subjetividade.

Outro indício da suspensão da alienação- e, podemos nos arriscar a dizer, um indício de subjetividade, ocorre na produção "O *minha piscina*", que não vem da fala do outro, que é inédita e singular, que é de M.

Trago outro fragmento de sessão, ocorrido 4 meses depois.

T: Onde está a Julia?

M: ***Julia vou*** ficar aqui.

***Julia vou*** ficar em casa

T: Então a Julia ficou em casa?

Tava muita chuva, né, Mateus?

(Outubro/2010)

Neste fragmento vemos, mais uma vez, oscilação e imbricamento de posições- remeto-me às posições da proposta de Aquisição de Linguagem de Lemos (2002)- a partir de elementos que fazem presença na fala de M.

*Julia*, no primeiro enunciado, parece ocupar a posição do 'eu' na cadeia, pois é sucedido do verbo com marcação de primeira pessoa, e do local em que o 'eu' está, que é o dêitico 'aqui'. Porém, a pergunta desencadeadora deste enunciado é sobre onde *Julia* está. Ocorre, então, uma produção paralelística- M. parece ter escuta para a fala/pergunta de T. e estranha sua própria fala-, mantêm-se, entretanto, a oscilação entre a referência ao 'ela' (a Julia), e ao 'eu', marcado no verbo *vou*. O dêitico que vem a seguir diz onde está o 'ela'. Como efeito, M. irrompe

na cadeia como sujeito, mas não sustenta essa posição, gerando tais oscilações.

Apesar de não ser o foco de minha pesquisa de dissertação, considere importante dizer sobre a escrita de M. Ele lê desde os 4 anos de idade, realizando mais uma decodificação do que uma interpretação/compreensão, o que tem tido mudanças ao longo do processo terapêutico- tanto no atendimento fonoaudiológico quanto no pedagógico.

Em sua produção escrita há uso do nome próprio em situações em que registramos o que foi feito na sessão- o que seria 'adequado', como por exemplo, quando ele escreve ou dita para que a terapeuta escreva:

*O Mateus ganhou. O Mateus feliz.*

Porém, também há momentos de instabilidade no uso do nome próprio, do pronome e da marcação verbal, como veremos.

O estruturalismo saussureano traz o funcionamento lingüístico como universal: a substância, o elemento material (som, escrita, gesto), não pertence por si à língua, mas é matéria que a língua põe em jogo. Independentemente da materialidade, o funcionamento lingüístico é o mesmo, pois o elemento material lhe é secundário (Saussure, 1916/1974).

Desse modo, as oscilações e instabilidades em relação ao uso do nome próprio e do pronome que ocorrem na fala, podem, também, ocorrer na escrita, e é com este funcionamento que nos deparamos no fragmento abaixo.

M. bebeu toda água de uma garrafa sobre a mesa de T. e, logo após, T. escreveu na lousa:

T: Cadê a minha água? (escrita)

M: **O Mateus tomei tudo** água na garrafa. (escrita)

T. De quem? (questiona oralmente)

M. da Paula (completa a frase na escrita)

A escrita fica:

**O Mateus tomei tudo** água na garrafa da Paula.

(Junho/2011)

Vemos o uso do nome próprio (o Mateus) ocupando na cadeia a posição do 'eu', sucedida de verbo com flexão de primeira pessoa (tomei), o que parece mudar o estatuto do nome como terceira pessoa, como 'ele', como um fora do diálogo. Ao ocupar esse lugar, o nome

próprio parece ter efeito de subjetividade, como vimos ocorrer na fala. Mateus se faz presente em sua fala/escrita como sujeito, mesmo que pelo uso do nome próprio que remeteria a uma terceira pessoa.

A produção 'tomei tudo' inscreve-se como um bloco vindo de outra cena, cenas cotidianas nas quais a criança, após tomar o que lhe foi ofertado diz:

'Tomei tudo'

Na frase escrita por M., 'tudo' pode estar no lugar de 'toda', que concordaria com água: 'tomei toda água'.

#### 4. Considerações

Nesta breve exposição de alguns dados de fala e escrita sobre os quais tenho me debruçado, levantei alguns pontos que mereceram reflexão e devem ser discutidos não só no âmbito acadêmico, mas também repercutir na atuação da clínica de linguagem, pois, como trouxe Arantes (2001) a teoria movimenta a relação do terapeuta com o material clínico.

Retomando o artigo "Sobre os pronomes pessoais na fala da criança" (Lemos, 2004) vemos que a autora traz dados de fala que mostram deslizamentos da primeira para a segunda pessoa (eu/tu) e vice-versa no processo de aquisição de linguagem, uma instabilidade que diz da reinstauração de uma cena anterior, como também vimos nos dados de M., além do deslizamento da fala do outro. Tal colocação nos traz a questão, já levantada anteriormente, de que a pronúncia do 'eu' não pode, por si só, ser tomada como marca de subjetividade, como designação daquele que fala, pois a criança pode estar na alienação à fala do outro, submetida à cena vivida, ou na transitoriedade entre ser narrador e personagem- quando realiza uma narração. Por esse motivo, também se faz necessário questionar a noção trazida por Benveniste (1991) de que *eu* designa a pessoa que enuncia *eu*.

Se no processo de aquisição de linguagem, como aponta a autora, há esta instabilidade, temos que na fala de crianças com quadro psicótico tal instabilidade. A submissão/alienação à cena vivida e à fala do outro se apresentam em sua fala, o que merece mais atenção na análise dos dados do que a que pudemos realizar até o momento.

Ao mesmo tempo em que questionamos o efeito que a pronúncia do 'eu' gera na fala da criança, buscamos analisar se o uso do nome próprio pode ser tomado como presença de uma constituição subjetiva, designando aquele que fala como sujeito falante, como vimos ocorrer na fala de M. Pensar quando o uso do nome próprio teve efeito de subjetividade, não olhado isoladamente- como substância, como categoria gramatical-, mas na cadeia da fala, em relação com os

elementos/significantes de sua fala e da fala do outro, pois o valor de tal significante é atribuído nesta relação.

Retomando a inquietação originária desta pesquisa - de que o uso do nome próprio pelo terapeuta para referir-se a si mesmo e à criança poderia levar a uma posição de 'exclusão' do sujeito do diálogo- sujeito este que por suas condições subjetivas já se encontra de certa forma nesta posição- ou seria uma possibilidade de entrada da criança na linguagem- trazemos a hipótese de que o uso do nome próprio não deve ser tomado como elemento que demarca essa posição de 'exclusão' do sujeito, que estando no discurso como 'terceira pessoa' não estaria implicado na alteridade em relação ao você/tu, não sendo, também, posicionado enquanto 'eu', consequência desta alteridade dialógica.

Por outro lado levantamos, a partir do olhar para os dados, a hipótese de que o uso do nome próprio por crianças com quadro psicótico poderia apontar para uma *captura* pela linguagem, uma vez que por ele a criança pode ser referida e referir-se. Deste modo o nome próprio parece demonstrar uma possibilidade de mudança de posição da criança frente a sua fala, enlaçando a criança na linguagem para que ela possa ser significada e possa, também, se pronunciar, emergir na cadeia como sujeito, mesmo que ainda não seja pelo pronome 'eu'.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. *Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem*. Tese de Doutorado. LAEL/PUCSP, 2003
- ARANTES, L. *Diagnóstico e Clínica de linguagem*. Tese de Doutorado. LAEL/PUCSP, 2001.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. Os níveis de análise lingüística. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 4 ed. São Paulo: Pontes, 1995.
- CERQUEIRA, C.: *Pais ouvintes, criança com perda auditiva e língua de sinais: questões sobre linguagem e sujeito*. Monografia de Especialização, NFCL. São Paulo, 2006
- CHIAT, S. If I were and you were me: the analysis of pronouns in a pronoun-reversing child. In: *Journal of child language* v.9, 1981.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Linguística e Poética. Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix Publ. Original, 1960.
- JERUSALINSK, A. Falar uma criança. In: *Escritos da criança*. Nº1 2ª Ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1987.
- KANNER, L. *Psiquiatria Infantil*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1966.

Dias, Paula Teixeira. Sobre o uso do pronome e do nome próprio na clínica de linguagem com crianças com quadro psicótico: marcas de subjetivação. *Revista Intercâmbio*, v. XXVI: 170-182, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

KAUFMANN *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* Jorge Zahar Editora, 1996.

LACAN, J. *Seminário 3: As psicoses*. 1955-56. Versão Brasileira de Aluisio Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: *Substratum* v.1,n. 1, p. 121-135. Barcelona: 1992.

\_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudo da linguagem*, v. 42. Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre os pronomes pessoais na fala da criança. *Letras de Hoje*, v.39. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Da angústia na infância. *Revista Literal* v.10, p.117-125. Campinas, 2007.

LIER- DE VITTO, M. F. & ARANTES, L. Sobre os efeitos da fala da criança: da heterogeneidade desses efeitos. *Letras de Hoje*, v. 33. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

MILNER, J.C. *O amor da língua*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1978.

\_\_\_\_\_. *El périplo estructural*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

OLIVEIRA, M. T. *Ecolalia: quem fala nessa voz?* Dissertação de Mestrado PUC-SP, 2001.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1916/1974.